

O MODUS OPERANDI DA MODERNIDADE E O PENSAMENTO CRISTÃO

Misael Amaral³⁷⁰

RESUMO

Este artigo pretende apresentar a visão de mundo moderna que foi um produto de uma extraordinária convergência de eventos, ideias e personalidades. Devido a sua conflitante diversidade, gerou uma fascinante visão – de caráter radicalmente novo, com consequências acentuadamente paradoxais – tanto do Universo como do ser humano. Da mesma forma, esses elementos refletiram e geraram outra mudança fundamental no caráter ocidental. Para compreender a emergência histórica da cultura moderna. Este trabalho, portanto, visa examinar as épocas complexamente entrelaçadas do pensamento cristão e o pensamento científico uma das características indelévels da modernidade, onde a verdade deixa de pertencer, exclusivamente ao transcendente e passa a ser abalizada pela razão e pelo empirismo, sendo o Iluminismo é a e a revolução científica a corporificação deste pensamento.

PALAVRAS-CHAVE: MODERNIDADE, CIENTÍFICO, CRISTÃO

ABSTRACT

This article intends to present the modern worldview that was a product of an extraordinary convergence of events, ideas and personalities. Due to its conflicting diversity, it has generated a fascinating vision – of a radically new character, with markedly paradoxical consequences – of both the Universe and the human being. Likewise, these elements reflected and generated another fundamental change in the Western character. To understand the historical emergence of modern culture. This work, therefore, aims to examine the complexly intertwined epochs of Christian thought and scientific thought, one of the indelible characteristics of modernity, where truth ceases to belong exclusively to the transcendent and starts to be supported by reason and empiricism, with the Enlightenment being a and the scientific revolution the embodiment of this thought.

KEYWORDS: MODERNITY, SCIENTIFIC, CHRISTIAN

INTRODUÇÃO

³⁷⁰ Doutor em História pela (UERJ), Mestre em História pela (FGV/CPDOC), especializações em: História do Cristianismo pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP); História e Arqueologia do Antigo Oriente Próximo e Mediterrâneo (em andamento – UNASP), História Militar Brasileira (UNIRIO); História do Rio de Janeiro (UFF). Possui Curso de Extensão em Geografia e Arqueologia Bíblica pela Universidade Hebraica de Jerusalém (UHIJ), Graduações em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA) e em Ciências Navais - Habilitação Engenharia Mecânica Naval pela Escola Naval (EN).

A noção de “Modernidade”, em um certo sentido, pode ser entendida como o “mais recente” e, neste aspecto, não faz sentido algum falar sobre “fim da Modernidade”. Entretanto, na História a expressão se refere a um momento bastante definido que muitos historiadores chamam de Idade Contemporânea, que ocorre a partir do século XVIII.

Este período tem impregnado em si, a grande característica por uma confiança em relação ao ser humano de pensar por si mesmo, talvez o exemplo clássico dessa atitude possa ser encontrado no Iluminismo³⁷¹, que pode ser definido como a ênfase na capacidade da razão humana de compreender por si só, o mundo a sua volta, inclusive quanto aos aspectos deste mundo que seriam tradicionalmente reservados aos teólogos.

Neste sentido, Christopher Dawson aponta que toda Europa Ocidental foi transformada no século XVIII pelo advento de uma nova cultura científica e tecnológica. E o autor chama esses novos pensadores modernos de intelectuais leigos, visto que no período da Idade Média a maioria quase que total da intelectualidade era composta por religiosos nos mosteiros ou catedrais.

Desse modo, o período pós século XVIII, que alguns chamam de Contemporaneidade, enquanto outros preferem chamar de Idade Moderna tem uma grande relevância para a história do cristianismo. Conforme McGrath sublinha, este período estabeleceu o contexto em que se assentaram muitos dos desdobramentos e debates recentes, bem como deu origem a muitos dos movimentos que ainda influenciam a igreja e o mundo atual.

O termo Iluminismo só passou a ter grande circulação nas últimas décadas do século XIX. Sendo o ápice da visão do pensamento científico tanto racionalista quanto empirista, no entanto, percebe-se que ambas as formas de conhecimentos são cercadas de possibilidades e limitações, portanto o que caracteriza esse movimento foi sua ênfase na capacidade da razão humana de desvendar os mistérios do mundo. E as atitudes racionalistas continuaram até o século XIX, constituindo um importante elemento da crítica geral do Iluminismo em relação ao cristianismo.

³⁷¹ Segundo Richard Tamas, Iluminismo foi um movimento intelectual surgido no século XVII, que elevou a razão humana a um status quase divino e atribuiu a ela a habilidade de discernir a verdade, de qualquer tipo, sem apelar para a revelação divina sobrenatural do pensamento judaico-cristão. A razão, lei natural e o progresso humano foram temas dos séculos XVII e XVIII, também chamados de Idade da Razão. Os intelectuais dessa época rejeitavam as autoridades externas (Igreja, Bíblia e governo) e promoviam a razão como o padrão para todas as crenças e ações. O lema era: Sapere Aude! Que significa “tenha coragem de usar seu julgamento!” Alguns pensadores iluministas proeminentes foram: Descartes, Baruch Spinoza, Voltaire, Jean Jacques Rousseau, John Locke e Immanuel Kant. O final dessa era foi marcado pelas realidades da Revolução Francesa (1789) e pela conquista de Napoleão Bonaparte da Europa.

Mariano Fazio destaca que o pensamento iluminista introduziu um momento de incertezas para o cristianismo, sobretudo, na Europa Ocidental. O choque causado pela Reforma e as consequências das guerras de religião mal tinham terminado no velho continente, quando surgiu uma nova forma de oposição ao cristianismo e ainda mais radical, quais sejam, os iluministas evocando a autonomia humana em relação as Escrituras, a Igreja e a Deus.

Se a Reforma Protestante do século XVI havia desafiado a Igreja a repensar suas práticas e a forma de expressão de suas crenças, o Iluminismo viu as próprias credenciais intelectuais do cristianismo em si (e não algumas de suas formas específicas) enfrentar uma grande ameaça em várias frentes.

Importa destacar que as origens dessa oposição remontam ao século XVII, com ceticismo espinoziano³⁷², o cartesianismo no continente europeu e a progressiva influência do deísmo e do empirismo na Inglaterra³⁷³. O crescente destaque sobre a necessidade de revelar as raízes racionais da religião teve consequências bastante negativas para o cristianismo.

A partir da Modernidade ocorre uma quebra de paradigma do qual somos tributários até hoje. Onde a dúvida, o ceticismo, individualismo, relativismo e o fazer científico são as bases da nova base de formação do pensamento Ocidental e que reverberaram no Pensamento Cristandade.

Portanto, como já explicitado, a Modernidade encarece a importância da razão e do método científico na descoberta da verdade, refutando a possibilidade de se chegar a ela pelas tradições do passado, principalmente as religiosas. Estas ideias surgiram no recorte temporal entre a Guerra dos Trinta anos (1618-1648) e a Revolução Francesa (1789), perfazendo do século XIX o clímax dos pensamentos racionais e do vigor científico.

Neste sentido o conjunto de pensamentos e ideologias de autonomia humana em relação a religião cristã, sendo a capacidade humana a base da autoridade na razão suprema. Isso é percebido, de modo especial, naquela forma de razão que Immanuel Kant denominou “prática” e cujos julgamentos se dão na consciência. Essa faculdade tem para

³⁷² Baruch Espinoza foi um filósofo judeu holandês do século XVII que foi excomungado da sinagoga por seus pensamentos contrários a Torá. Sua crítica a religião se dá por meio da crítica as escrituras, com a obra “Tratado Teológico Político”.

³⁷³ Este ceticismo pode ser rastreado desde o período de Descartes e John Locke, respectivamente Racionalismo e Empirismo que vai conduzir ao que ficou conhecido como Ilustração.

o homem uma autoridade que não pode ser explicada, exceto por ser uma voz de Deus. Se a consciência fosse inteiramente isolada da divindade e independente dela, não poderia causar essa impressão solene e, às vezes, terrível. Ninguém teria medo de si mesmo se seu ser não estivesse ligado a um ser superior a si mesmo. Dos julgamentos da consciência, pode ser dito, literalmente, que Deus revela seu santo julgamento da consciência por meio deles.

No racionalismo teológico reconhece a razão como autoridade, sendo que esta autoridade não é independente das escrituras nem da igreja e/ou tradição, nem da experiência. A razão é um aspecto da *imago dei*. Sua autoridade é crítica e funcionalmente corretiva. Embora leve-se a sério as tradições recebidas, elas não são acolhidas de forma acrítica. A mente é uma revelação não escrita que reflete a mente divina. Entretanto, a mente é finita e decaída e, dessa forma, passível de erro. Logo, não é absoluta.

Por fim, a época da razão brotou de uma nova fé na lei e na ordem. A ciência moderna surgiu nos séculos XV e XVII e encheu os homens de perspectivas quanto a um novo tempo de paz e harmonia. Os pioneiros dessa ciência moderna forçaram os homens a pensar de uma maneira nova sobre o universo. Copérnico (1473-1543), insistindo que o sol, não a terra, era o centro do universo, Johan Kepler (1561-1630), concluindo que o sol emitia uma força magnética responsável pela movimentação dos planetas em suas respectivas órbitas e, por fim Galileu Galilei (1564-1642), provando a aceleração constante de corpos que caem por meio de um telescópio que ele mesmo construiu para examinar os planetas.

1 A RELAÇÃO PENSAMENTO CIENTÍFICO VERSUS PENSAMENTO CRISTÃO

Todas as descobertas da era da razão precisavam ser unificadas em único princípio que explicasse a dinâmica do universo e o apresentasse como uma grande máquina que operava por leis naturais inalteráveis e equações de funcionamento, essa façanha foi conseguida por um dos cientistas mais relevantes da Modernidade, Isaac Newton (1642-1727), quando Newton publicou no final do século XVII “Princípios Matemáticos da Filosofia Natural”, em que todas as leis de movimento, tanto dos corpos celestes quanto terrestres, foram harmonizadas em um princípio superior para o universo: a Lei da Gravidade.

Desse modo, o público, principalmente europeu, dos séculos XVII e XVIII estava fascinado pela maravilha da máquina – mundo de Newton – o mundo medieval de

espíritos invisíveis – anjos e demônios – parecia menos plausível e até mesmo mítico, e em seu lugar, surgia o universo centrado no sol e explicitado por leis da física que por sua vez eram operadas e apresentadas pela matemática.

Neste *Zeigeist*, o sol tomou o lugar da terra como centro. Alguns acreditavam que a humanidade havia perdido sua posição de ápice supremo da criação no mundo formado por Deus, outros sentiam que o próprio Deus havia perdido sua posição e parecia menos necessário para sustentar o mundo diante do fato de que o mundo opera por leis discerníveis. No entanto, os leitores hodiernos, devem ser lembrados de que o surgimento da ciência moderna dependeu absolutamente de convicções cristãs e que os responsáveis por sua continuidade foram mentes treinadas em ambientes e instituições cristãs. Importa ainda acentuar o novo enfoque sobre Deus nesta época, que as discussões desse recorte temporal costumam retratar Deus como mais um ator no palco, não mais como senhor majestoso dirigindo o projeto.

De acordo com Justos Gonzalez a revelação deste imenso universo deixou alguns pensadores daquele tempo consternados, como Blaise Pascal (1623-1662), físico francês, declarando: “terrível vastidão que nos traga como átomos efêmeros³⁷⁴”, enquanto outros enxergavam esses fatos como um convite para descobrir os segredos da existência do cosmos, como o poeta do inglês do século XVIII Alexander Pope, ao afirmar: “escondiam-se, em trevas, a natureza e suas leis; Disse Deus: ‘Haja Newton’, e tudo luz se fez³⁷⁵.”

Esse acesso repentino aos mistérios do universo pareceu engrandecer o papel da razão humana e o ocaso do senso comum. Se o universo é uma máquina estável com todas as peças coordenadas por um grande projeto, então o homem precisaria apenas pensar com clareza para encontrar o sentido da vida e a verdadeira felicidade. Essa ideia fundamental de que o homem tem capacidade de encontrar a verdade pelos sentidos e pela razão deu origem ao nome do período: Era da Razão. É importante salientar que isso não significa que repentinamente o homem simples passou a assumir ares de intelectualidade, até porque muitos cristãos viveram e morreram na fé de seus pais e conduzidos pela Igreja, sem qualquer consciência de que um novo arquétipo havia surgido, todavia, a perspectiva e a direção do Ocidente haviam tomado um caminho sem volta.

³⁷⁴ SAWYER, James. **Uma Introdução à Teologia**. São Paulo: Vida, 2009, p. 456.

³⁷⁵ Idem, p. 459.

Romera Sublinha que o cristianismo não pode escapar das consequências dessa revolução intelectual. Durante 1200 anos, as ideias de Agostinho haviam dominado a cristandade, segundo as quais o homem era um pecador escravizado que necessitava, sobretudo, da graça sobrenatural de Deus. E, no intuito de garantir a disponibilidade dessa graça por meio da Igreja cristã, Deus ordenara os poderes do Estado para proteger a verdade e punir o erro. Agora, porém, a *intelligentsia* argumentava algo novo e diferente, o homem não é pecador; ele é criatura sensata e aparentemente precisava mais de bom senso do que da graça de Deus. Desse modo, os cristãos vivenciaram atmosferas antitéticas. No início, durante os anos finais do século XVII, alguns cristãos, especialmente na Inglaterra, tentaram coadunar razão e fé, alegando que o cristianismo era totalmente racional, e que algumas verdades vêm pela razão, e outras pela revelação. Algumas coisas, como a existência de Deus, vêm pela observação do céu; outras, como a ressurreição de Cristo, pelo testemunho das Escrituras.

Pode-se, portanto, esquadrihar todos esses aspectos do surgimento do pensamento científico a fim de articular as questões racionais no pensamento cristão, tendo como pano de fundo o nascedouro da Filosofia Natural ou a Ciência Moderna e a partir daí assinalar alguns reflexos deste pensamento tecnológico no cristianismo da era Moderna.

2 RACIONALISMO DENTRO O PENSAMENTO CRISTÃO

Alister McGrath sublinha que o termo "racionalismo" deve ser usado com cautela em relação ao Iluminismo. Em primeiro lugar, deve-se destacar que o termo é habitualmente empregado de forma indiscriminada e imprecisa, designando a atmosfera geral de otimismo fundada na crença do progresso científico e social, que permeia muito dos documentos da época. Esse uso do termo é confuso e deve ser evitado. O racionalismo, em seu sentido apropriado, talvez seja mais bem definido como a doutrina segundo a qual o mundo exterior pode ser conhecido exclusivamente por meio da razão.

Mariano Fasio assinala que o racionalismo dava ênfase principalmente a dois pontos: liberdade e dignidade, e investigação científica. Vale lembrar alguns dos principais filósofos racionalistas da época foram: o judeu holandês Baruch Spinoza (1632-1677) e o matemático alemão Gottfried Leibniz (1646-1716) no Continente Europeu, e, na Inglaterra, John Locke (1632-1704). Para Locke, a prova da verdade era a razoabilidade, no sentido de conformidade com o senso comum.

Entre os filósofos alemães, o barão Christian von Wolff (1679-1754), membro do grande núcleo pietista³⁷⁶ que funcionava a partir da Universidade de Halle, desenvolveu uma espécie de teologia matemática, caracterizada pela busca de uma verdade racional e imutável. Halle foi aos poucos se tornando um centro de teologia racionalista entre os protestantes.

Embora tenha havido algumas contribuições benéficas à sociedade como um todo, o racionalismo provocou graves e perturbadoras consequências na vida da cristandade, dentre as quais o ateísmo, o declínio da fé e o enfraquecimento da vida religiosa. No campo teológico-eclesiástico, o racionalismo teológico tendeu a modificar, e até mesmo destruir, algumas ortodoxias confessionais cristãs. Os teólogos racionalistas defendiam a tese de que a bondade em Deus não poderia diferir em essência da bondade no homem e, por conseguinte, Deus não poderia fazer o que para o homem seria imoral. Embora, em sua grande maioria, pelo menos até o final do século XVIII os racionalistas aceitassem os milagres do Novo Testamento, eles suspeitavam de tudo que não se conformava com sua visão mecanicista do universo pautada no pensamento científico de newtiano.

3 ROMANTISMO NO PENSAMENTO CRISTÃO

Na última década do século XVIII, receios cada vez maiores em relação à aridez do racionalismo vieram a público. A razão, vista certa vez como libertadora, passou pouco a pouco a ser considerada como algo espiritualmente escravizante. O local de expressão dessas preocupações não foram tanto as faculdades de filosofia, mas sim os círculos literários e artísticos, em particular na capital da Prússia, Berlim, onde os irmãos Friedrich e August William Schlegel³⁷⁷ se tornaram especialmente influentes.

Evidentemente o "romantismo" é algo difícil de definir. Talvez a melhor visão do movimento seja a de uma reação contra certos temas centrais do Iluminismo, especificamente a alegação de que a realidade pudesse ser apreendida pela razão humana. Essa redução da realidade a uma série de raciocínios simplistas parecia, aos românticos, uma distorção censurável e grosseira. Naqueles pontos em que o Iluminismo apelava à razão humana, o romantismo fazia um apelo à imaginação humana, capaz de admitir o

³⁷⁶ Um dos ramos do protestantismo alemão.

³⁷⁷ No alvorecer do século XIX, os irmãos Schlegel anunciavam a necessidade de se realizar uma revolução estética nos estudos literários. Uma revolução que ecoasse a atmosfera de mudanças que se operavam em todos os âmbitos da vida e da arte. Em linhas gerais, a denominada revolução estética schlegeliana representou uma ruptura com as normas até então vigentes no *modus faciendi* de crítica literária do século XVIII alemão.

profundo senso de mistério, derivado da percepção de que a mente humana não pode nem mesmo compreender esse mundo finito, quanto mais o infinito além dele.

Assim, o romantismo encontrava-se igualmente insatisfeito em relação às tradicionais doutrinas cristãs e aos racionais chavões ético-morais do Iluminismo: ambos haviam falhado em fazer justiça à complexidade do mundo, em uma tentativa de reduzir o "mistério do universo" - para usar uma frase que se encontra nos escritos dos irmãos Schlegel - as fórmulas puras.

Uma reação contrária à aridez da razão foi, portanto, complementada por uma ênfase sobre a importância epistemológica dos sentimentos e emoções do ser humano. O romantismo teológico alemão veio a desenvolver dois axiomas relativos à *Gefühl*.³⁷⁸

Segundo Paul Tillich o racionalismo teológico pode ter feito seu apelo à razão individual; o romantismo teológico manteve a ênfase sobre o aspecto individual, mas substituiu a preocupação com a razão por um novo interesse pela imaginação e pelo sentimento pessoal. O Iluminismo era interiormente voltado à razão humana, o romantismo, aos sentimentos humanos, encarando-os como "a chave para todos os mistérios"

Foi a partir desta perspectiva que Friedrich Schleiermacher³⁷⁹ desenvolveu a sua teologia liberal, sendo o ponto fulcral da teologia fundamentada na experiência, ou *Gefühl*, a consciência do divino e não na tradição dogmática cristã.

4 O HISTORICISMO

O historicismo foi uma das características mais marcantes da Era da Razão, onde a História passou por um processo de escrutínio elevado e profundo, sendo tratados aspectos como a crítica dos testemunhos e dos documentos, avaliando a validade e os detalhes de interface e interdisciplinaridade a fim de se chegar a maior exatidão dos eventos e personagens históricos o mais próximo da realidade possível, bem como mitigar anacronismos.³⁸⁰

³⁷⁸ Talvez a melhor tradução desse vocábulo alemão seja "sentimento" ou "emoção", embora nenhum desses termos possibilite a exata extensão do significado associado ao vocábulo original.

³⁷⁹ Foi um personagem que influenciou profundamente a teologia protestante. Ele reivindicou a liberdade da ciência na teologia. Também foi um precursor dos estudos bíblicos da Igreja Católica. Foi definido como um "Padre protestante" da Igreja dos tempos modernos.

³⁸⁰ Erro de cronologia que consiste em atribuir a uma época ou a um personagem ideias e sentimentos que são de outra época, ou em representar, nas obras de arte, costumes e objetos de uma época a que não pertencem. Pode também ser atitude ou fato que não está de acordo com sua época.

Todo pensamento teológico está envolvido em um determinado aspecto ou circunstância cultural e histórica específica. Nesse sentido, a mesma fé pode sofrer interpretações multifacetadas, dependendo do ponto de vista da sociedade na qual esteja inserida. Assim, cada cultura produz teologias próprias, como ocorre no Ocidente e no Oriente, ambos com variadas culturas teológicas. Além disso, a época em que se desenvolve esta ou aquela teologia é fruto da visão de mundo construída pela coletividade da época, ou seja, de acordo com os anseios comuns ao momento em que é desenvolvida. Por isso, determinados períodos históricos são marcados com o domínio de algumas escolas teológicas como, por exemplo, a teologia patrística, posteriormente a teologia escolástica.

Portanto, historicismo teológico investiga a compreensão progressiva do cristianismo e da verdade da revelação divina na vida, no coração, na adoração e no pensamento da humanidade. Sua tarefa é descritiva, posto que se relaciona com o passado como passado. O historicismo teológico procura responder à questão: “o que as gerações passadas compreendiam e ensinavam com referência a fé cristã e por que entendiam e ensinavam dessa forma³⁸¹?”

O historicismo, dentro do aspecto teológico cristão, é uma disciplina híbrida que trabalha tanto a teologia e a história. Esse híbrido reconhece que forças históricas e sociológicas estão envolvidas na forma em que questões são elaboradas e as respostas são dadas, mas a teologia histórica não faz que as respostas sejam absorvidas pelo aspecto sociológico. Em vez disso, embora reconheça os fatores contingentes envolvidos, o historicismo teológico está preocupado com o conteúdo das crenças apresentadas como intrinsecamente cristãs. Além disso o historiador da teologia cristã deve estar atento ao contexto cultural dos teólogos e das proposições que ele investiga e registra. Toda teologia é formulada em um contexto cultural. Fatores culturais influenciaram a teologia de teólogos no passado de maneira que os próprios teólogos nem sempre percebiam.

Esta percepção é ratificada por McGrath, sublinhando que este historicismo busca investigar as circunstâncias históricas em que as ideias se desenvolveram ou foram especificamente formuladas. Seu objetivo é desvendar a ligação que há entre contexto e o pensamento cristão. Demonstra, por exemplo, que não foi por acaso que a doutrina da justificação pela fé tivesse, pela primeira vez, adquirido uma importância fundamental ao final do Renascimento. Também demonstra, por exemplo, como o conceito de salvação,

³⁸¹ MCGRATH, Alister. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à Teologia Cristã**. Shedd, São Paulo, 2005, p. 253.

encontrado na teologia latino-americana da libertação, está intimamente relacionado ao contexto socioeconômico da região. Esclarece a forma como as tendências culturais seculares - como o liberalismo, marxismo e o tradicionalismo - encontram seus equivalentes na área da teologia.

Dizer que o cristianismo normalmente absorve, de forma inconsciente, ideias e valores pertencentes a seu contexto cultural parece ser algo bastante óbvio. No entanto, essa observação é de extrema importância. Aponta para o fato de que existe, na teologia, um elemento transitório ou condicional que não é necessário, nem inerente a seus fundamentos. Em outras palavras, certos pensamentos que normalmente foram tidos como cristãos, podem acabar se revelando meras ideias importadas de um contexto secular. Um exemplo clássico é o conceito da impassibilidade de Deus - isto é, a noção de que Deus não é capaz de sofrer. Essa era uma ideia sólida nos círculos filosóficos gregos. Os primeiros teólogos cristãos, ansiosos por conquistar respeito e credibilidade nesses círculos, não a contestaram. Como resultado disso, essa noção tornou-se profundamente arraigada na tradição teológica cristã.

James Sawyer sublinha que o estudo da história do cristianismo põe a nossa disposição um poderoso instrumento para a correção das visões estáticas da própria teologia, Permitindo ver que:

- Certas ideias foram formadas sob circunstâncias bastante específicas e, ocasionalmente, erros são cometidos.
- A evolução da teologia não é algo irreversível; os erros do passado podem ser corrigidos.

Por fim, é importante destacar que o estudo da história nos alerta tanto em relação aos equívocos cometidos no passado, quanto ao modo alarmante com que são repetidos no presente. Conforme Christopher Dawson chama a atenção para a dimensão prática do fazer historiográfico, isto é, ao pesquisador de história cristã é exigida a feitura de uma “boa” história, rigorosa, como é exigido de qualquer historiador que deseja ter um trabalho válido, o que engloba o *modus operandi* e suas generalizações. Conceitos, modelos e problemas, tudo é resultado de generalizações sistemáticas e conscientes, as quais são aplicadas a estudos particulares e bem delimitados. Se assim, não for, a História não passará de crônica.

5 O EXISTENCIALISMO

O existencialismo cristão se baseia na compreensão de Cristianismo do filósofo do século XIX Soren Kierkegaard. Ele argumentava que o universo é, fundamentalmente, paradoxal e que o seu maior paradoxo é a união transcendente de Deus e do imanente humano na pessoa de Jesus Cristo. Ele também postulou que ter um relacionamento pessoal com Deus supera todas as normas morais estabelecidas, as estruturas sociais e normas comuns, pois ele afirmou que, seguir as convenções sociais é essencialmente uma escolha estética pessoal que os indivíduos fazem.

Kierkegaard propôs que cada pessoa deve fazer escolhas independentes, que compreendem, em seguida, a sua existência. Nenhuma estrutura imposta - mesmo os mandamentos bíblicos - pode alterar a responsabilidade de cada indivíduo em procurar agradar a Deus de qualquer forma pessoal e paradoxal, Deus escolhe estar satisfeito. Cada pessoa sofre a angústia da indecisão até que ela faça um "salto de fé", e comprometa-se a uma escolha particular. Cada ser humano é confrontado pela primeira vez com a responsabilidade de saber de sua própria vontade, e depois com o fato de que uma escolha, mesmo que errada, deve ser feita a fim de viver autenticamente.

Kierkegaard também defendeu a ideia de que cada pessoa existe em uma das três esferas (ou planos) de existência: o estético, o ético e o religioso. A maioria das pessoas, observou ele, vive uma vida estética em que nada importa, além da aparência, prazer e felicidade. Vive-se de acordo com os desejos dessa esfera que as pessoas sigam as convenções sociais. Kierkegaard também considerou a violação das convenções sociais, por motivos pessoais (por exemplo, na busca de fama, a reputação de rebeldia), a ser uma escolha pessoal estética. Um grupo muito menor são aquelas pessoas que vivem na esfera ética, que dão o seu melhor para fazer a coisa certa e ver passar as graças superficiais e ideias da sociedade. A terceira e mais alta esfera é a esfera da fé. Para estar na esfera da fé, Kierkegaard diz que é preciso dar a totalidade de si mesmo para Deus. Tratando de modo mais detido desses níveis, Kierkegaard elenca os estágios assim:

- Estágio Estético – A maior parte das pessoas está no estágio estético, buscando diferentes formas de prazer e excitação como um meio de mascarar o vazio e a falta de sentido de suas vidas. São atraídas por tudo que lhes desperte atenção, desejam muitas coisas ao mesmo tempo e sentem dificuldades em fazer escolhas, visto que nenhuma das opções parece ser mais valiosa que outra. Neste nível a busca incansável pelo prazer levam as pessoas ao tédio e ao desespero.
- Estágio Ético - as pessoas assumem a responsabilidade por fazer escolhas, mas se orientam por princípios éticos estabelecidos por terceiros para realizar tais

escolhas, em geral se orientam pela moralidade convencional ou por dogmas religiosos, embora esse nível seja superior ao anterior, Kierkegaard considera que as pessoas não estão colocando toda sua liberdade pessoal em ação para escolher o seu próprio caminho.

- Estágio Religioso – aquele em que as pessoas reconhecem e aceitam suas responsabilidades e estabelecem uma relação única e pessoal com Deus, sem se limitarem pela moralidade convencional e nem pelos dogmas, mas se orientando por sua auto consciência e a natureza de Deus, neste estágio as pessoas estão abertas a possibilidades na vida que contrariam os padrões sociais vigentes e por isso, costumam ser vistas como questionadoras, inconformistas e pioneiras. Elas dão um salto de fé! *Sea of Faith*

Um dos teólogos protestantes mais expressivos do existencialismo teológico foi Rudolf Karl Bultmann foi discípulo de um filósofo que influenciou muito o século XX que foi ao Martin Heidegger e um dos importantes representantes do chamado existencialismo e Bultmann vai se utilizar de recursos desse pensamento para construir sua teologia, que é pensar mesmo que o que vale é a experiência que a gente tem da existência o que conta mesmo não é o quanto nós sabemos de onde viemos, mas como nós vivemos, como nós lidamos com a vida concreta que aparece.

Bultmann propôs uma ruptura radical entre História e a fé, e argumentava que, se o Novo Testamento devia ser aceito pelo homem moderno, mas deveria ser demitologizado e reinterpretado de modo existencial, num contexto moderno. O ceticismo histórico dele, porém, preservou quase nada da historicidade do Novo Testamento, exceto a realidade da crucificação. A preocupação de Bultmann não era a eliminação dos mitos, pelo contrário, ele procurou uma reinterpretação da linguagem mitológica da Bíblia. “É bem possível que numa concepção mística do passado do universo possam ser descobertas de novo verdades que foram perdidas numa época de Iluminismo³⁸²”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os diversos movimentos de reação à ortodoxia estão interligados entre si, de modo que fica difícil discernir fronteiras específicas, quer quanto à época de sua aplicação,

³⁸² Bultmann, Rudolf *Apud* GUNDRY, Stanley. **Teologia Contemporânea: uma análise dos pensamentos dos principais teólogos hodiernos**. Mundo Cristão, São Paulo, 2007, p. 54.

como no que se refere ao seu conteúdo. Dessa forma, se constata que é muito tênue a linha divisória entre as fases e subfases do liberalismo teológico. Na realidade, a Modernidade nada mais foi que uma continuação de seus antecessores: racionalismo, deísmo e Iluminismo.

Percebe-se, portanto, a influência do pensamento científico no fazer do pensamento cristão do pós Revolução Francesa (1789) em diversas áreas, como o advento do historicismo, entre outros. Vale salientar que na esfera cristã do protestantismo pareceu ser mais suscetível a interferência da ideologia tecnológica que surgiu na era da razão, onde diversos pensadores cristãos protestantes sofreram diretamente a ação do pensamento tecnológico.

Ao tratar da questão da influência do pensamento moderno no cristianismo, a ideia deste artigo foi a de lançar luz acerca da temática tão próxima, mas ao mesmo tempo tão complexa que em última análise seria o diálogo entre religião e ciência, o que não é algo simples. Portanto, este texto é repleto de limitações e possibilidades.

REFERÊNCIAS

- DAWSON, Christopher. *A Divisão da Cristandade*. São Paulo: É Realizações, 2017.
- FAZIO, M. Secularización y cristianismo. *Las corrientes culturales contemporáneas, Rosario*: Ediciones Logos Ar, 2014.
- GUNDRY, Stanley. *Teologia Contemporânea: uma análise dos pensamentos dos principais teólogos hodiernos*. Mundo Cristão, São Paulo, 2007.
- GONZALEZ, Justo. *E até aos confins da terra: Uma história ilustrada do cristianismo*. Vários tradutores. São Paulo: Vida Nova, 1980.
- MCGRATH, Alister. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à Teologia Cristã*. Shedd, São Paulo, 2005.
- ROMERA, L. *A fé cristã diante dos desafios da cultura contemporânea*, Synesis, v.4, n.2, pp. 117-144 (2012). Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/268/177>.
- SAWYER, James. *Uma Introdução à Teologia*. São Paulo: Vida, 2009.
- TARNAS, Richard. *A Epopeia do Pensamento Ocidental: para compreender as ideias que moldaram nossa visão de mundo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- TILLICH, Paul. *História do pensamento cristão*. Trad. de Jaci C. Maraschin. São Paulo: ASTE, 2003.